

# Um caminho: empenham-se as jóias, com o aval do FMI

**C**ircula no tucanato uma idéia capaz de tirar o Brasil da crise. É simples, mas exige muito trabalho e pouco gogó.

Trata-se primeiro de pedir a bênção e um empréstimo ao Fundo Monetário Internacional, algo como US\$ 10 bilhões. Depois, tanto se pode pedir ao Governo americano alívio semelhante ao que o México recebeu em 1995 quanto é possível colocar no mercado papéis lastreados nas reservas de petróleo ou em ações das estatais brasileiras. Com a ajuda da Casa Branca, ou com os papéis, seriam levantados pelo menos mais US\$ 10 bilhões. Os mexicanos usaram sua receita de petróleo para garantir um empréstimo americano. FFHH escolheria o lastro: reservas de petróleo, papéis ou ambos. (Como Campos Salles, que ele admira e que empenhou a renda da Alfândega aos banqueiros ingleses.)

O caminho existe. A Tailândia e a Indonésia já negociaram resgates de US\$ 40 bilhões. A dificuldade surgirá na hora do trabalho. Para mover essa roda o Governo precisará primeiro de um banho de humildade. O ministro Pedro Malan, por exemplo, terá que engolir a resposta grosseira que deu, em agosto, a um relatório do Fundo que advertia o Governo para os riscos do seu déficit nas transações inter-

nacionais: "O Brasil não precisa de alerta de ninguém. Não estamos vivendo dificuldades para financiar um déficit de 4% a 5% do

PIB por mais dois ou três anos". Pelo que se vê agora, o que o Governo mais precisava era de alertas. Malan não terá dificul-

dades para financiar o déficit por mais dois ou três anos pelo simples fato de que luta para financiá-lo por mais dois ou três

meses.

Será preciso trabalhar duro na montagem da engenharia financeira da pretensão. O projeto

Ilustrações: Eduardo Hopper + Alex Freitas



acabará passando pelo vice-diretor executivo do FMI, Stanley Fischer. Será difícil negociar com ele sem ter o item da desvalorização cambial na pauta.

Fischer é um ex-professor do Massachusetts Institute of Technology, autor de um livro clássico de economia, escrito a quatro mãos com seu colega Rudiger Dornbusch. Dornbusch é aquele americano que passou por Pindorama em 1996, dizendo que FFHH deveria condecorar Gustavo Franco, mandá-lo para Angra dos Reis e, em seguida, desvalorizar o câmbio. Insultaram-no, insinuando até mesmo que a proposta se destinava a alavancar o preço de suas palestras. Como essa prática é comum no mercado dos sábios que quebraram o Brasil e depois abriram casas de tarô econômico, acreditou-se que um professor do MIT fosse capaz de fazer o mesmo jogo.

Há algum tempo Dornbusch editou um livro sobre a política econômica de países que estão abrindo seus mercados. Nele, citou uma receita de 13 cuidados essenciais, feita pelo economista Arnold Harderger (Universidade de Chicago). No fim, acrescentou uma 14ª recomendação: "Sigam o conselho de Stanley Fischer, não sobrevalorizem a moeda".